

Educação midiática nos sistemas formais de ensino: a proposta educomunicativa das escolas salesianas

ANTONIA ALVES PEREIRA

A discussão em torno da alfabetização midiática e informacional está em todos os recintos educacionais, provocando mudança de mentalidade e de atitudes de educadores e de instituições frente à evolução tecnológica do mundo contemporâneo. Esse movimento indica que novos paradigmas vão surgindo para responder a esses desafios fomentando o diálogo intercultural para além das fronteiras territoriais, graças à Internet que aproxima sujeitos e ideais que vão se articulando em grupos e comunidades virtuais.

Atentas a essa movimentação, as instituições de ensino estão abrindo espaços efetivos para a alfabetização midiática por meio do estabelecimento de política institucional a partir de três perspectivas paradigmáticas voltadas para o ponto de vista do educador, do comunicador ou da interface Comunicação/Educação, respectivamente: educação midiática (*media education*), comunicação midiática e Educomunicação. É sobre esse último ponto de vista que discorreremos nesse artigo sobre a experiência das escolas salesianas.

Especificamente, em relação à educação midiática, Devadoss (2006 *apud* Soares, 2014), ao analisar eventos internacionais acontecidos na virada do milênio, enfatiza que ela deixou de ser problema meramente educativo para transformar-se em um problema de natureza cultural. Por sua vez, Soares (2014) afirma que a mesma fora disseminada a partir dos protocolos moral, cultural e midiático, coexistindo ainda hoje na sociedade, sendo possível encontrá-los na cultura escolar salesiana.

De acordo com o pesquisador, instituições religiosas, respaldadas por documentos da Igreja Católica, passaram a desenvolver atividades educativas voltadas para a análise da produção, dos elementos técnicos e estéticos, bem como dos perigos representados pelas produções cinematográficas e pela mídia, a partir de 1930 e de 1950, respectivamente. Aos católicos, juntaram-se os judeus e protestantes, dando cunho ecumênico às discussões.

Enquanto o protocolo moral realizava ações a partir de cineclubes e de leitura crítica da mídia, o protocolo cultural buscava ampliar as discussões da educação midiática com sua inserção nos currículos do ensino fundamental, já que seu foco estava na relação dos educandos com os meios de comunicação e as novas tecnologias/mídia. Contando com o apoio da Unesco, as diversas iniciativas de análise da cultura midiática culminaram com o surgimento da comunicação alternativa ou popular, entre 1970 e 1980 na América Latina.

Uma dessas iniciativas foi o Projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC) da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), entre 1980 e 1990. Em sua capacitação às lideranças de movimentos populares e de docentes, esse projeto ia além da análise da cultura midiática, levando os agentes a se empoderarem das linguagens e dos processos de produção, situação também incorporada na cultura escolar salesiana.

Tal postura desemboca no protocolo midiático, ou educomunicativo, que opera por projetos para valorizar todas as formas de expressão de crianças e jovens visando a ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa. As ações desenvolvidas a partir desse paradigma empoderaram os atores sociais a fim de torná-los produtores de cultura no processo comunicativo.

Esses protocolos coexistem na cultura escolar salesiana que carrega em seu DNA uma proposta de educação midiática iniciada na década de 1970 com os cineclubes e leitura crítica da mídia. Para revitalizar suas práticas de educação midiática e informacional, as escolas do continente americano se apropriaram da educomunicação, conforme demonstrou pesquisa de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, em 2012. No caso brasileiro, essas escolas criaram a Rede Salesiana de Escolas (RSE) para delinear procedimentos em resposta aos desafios encontrados na região.

É importante frisar que a experiência educomunicativa dessas escolas se fundamenta nos estudos do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) que realizou uma pesquisa entre 1997 e 1999 sobre a inter-relação Comunicação/Educação. A pesquisa identificou que as práticas dos projetos desenvolvidos na América Latina apontavam para diretrizes próprias que se manifestavam em áreas de intervenção social,

criando um ambiente dialógico e participativo que se apresentava como um campo do conhecimento autônomo (SOARES, 1999).

O resultado dessa pesquisa foi conhecido pelo ramo feminino da organização salesiana durante o *II Summit 2000 Media Education*, no Canadá. Na ocasião, estabeleceu-se uma parceria com o então coordenador do NCE-USP, professor Ismar de Oliveira Soares, para a implementação de uma *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana* que fizesse a releitura de seu sistema educativo, o Sistema Preventivo, para potencializar o protagonismo juvenil e o clima de família, marcas de suas escolas.

Assim, a dissertação buscou entender como se dera a aproximação das Salesianas ao conceito educomunicativo, bem como entender como suas práticas educativas permitiam a atualização desse sistema educativo, principalmente pelo elemento da *amorevolezza* que estabelecia as relações interpessoais dentro das comunidades educativas (PEREIRA, 2012). Em seguida, a investigação adentrou o material didático da RSE para identificar indícios educomunicativos nas atividades e projetos propostos pelos livros didáticos, tendo como referência as áreas de intervenção (SOARES, 2011) e as dimensões lúdica, didática e educomunicativa nos projetos educomunicativos (PORTAL DO PROFESSOR, 2012).

Uma proposta didática interdisciplinar que valorize a ludicidade nas atividades didáticas a partir da premissa educomunicativa leva à ampliação das relações interpessoais dos envolvidos, ao mesmo tempo em que contribui para que os atores sociais se tornem produtores de cultura a partir do exercício de cidadania, da livre expressão e do protagonismo juvenil. Esse processo se dá por meio de uma mediação educomunicativa, fundamentada nas propostas das áreas de intervenção, que capacita os alunos a se apropriarem das técnicas midiáticas oferecidas por meio de oficinas de vídeo, de produção de revista e jornais, de teatro, dentre outras.

Das áreas às dimensões lúdica, didática e educomunicativa

Ao concordar que com atividades lúdicas os alunos aprendem melhor, muitos educadores inovam suas sequências didáticas com brincadeiras, músicas e teatralidade. Uns criam anedotas para ensinar ortografia, acentuação ou pontuação, enquanto outros criam historietas para pontuar fatos históricos e geográficos. Tantos outros, utilizam o celular para mostrar a seus alunos que o aparelho também serve para registrar a história de anônimos, conscientizar sua comunidade sobre a preservação do meio do ambiente ou ainda para torná-los produtores de cultura em seu meio social.

Quando a perspectiva lúdica atende aos anseios dos alunos por meio de recursos tecnológicos que eles têm em mãos, a possibilidade do brincar aflora. Isso acontece quando eles podem manusear um equipamento para a produção radiofônica aproximando seu cotidiano e sua imaginação. Para Soares (*apud* PORTAL DO PROFESSOR, 2012), tal procedimento requer que o educador seja um mediador que saiba realizar um trabalho com intencionalidade mediante um planejamento didático adequado aos destinatários durante o processo de ensino de uso do rádio, do jornal, da revista, dos blogs, dentre outros.

Assim, o uso dos aparatos se converte em suporte midiático fazendo a integração das dimensões lúdica e didática, o que leva muitos educadores a se contentarem apenas com esse resultado, não avançando para dimensão educacional. Com as duas primeiras dimensões, há a iniciação tecnológica com a oferta de oficinas rápidas voltadas a ensinar o manejo dos recursos tecnológicos, o que não leva a uma melhoria do fluxo comunicativo capaz de fomentar um processo de ensino/aprendizagem coletivo, colaborativo e criativo.

De acordo com Ismar de Oliveira Soares é somente na fase posterior que os educadores vivenciam a ação educacional, associando o uso de determinado recurso tecnológico ou midiático a outras linguagens envolvendo professores e estudantes em projetos interdisciplinares que melhorem as relações da comunicação dentro da escola. Nesse momento, são construídos os *ecossistemas comunicativos* abertos e criativos a partir do tratamento de temas relacionados à promoção da cidadania, à educação ambiental, à redução/eliminação do *bullying*, envolvendo toda a comunidade educativa nessas ações.

Essas dimensões potencializam as áreas de intervenção que são fomentadas a partir da atuação do educador em sua mediação para a criação ou fortalecimento do *ecossistema comunicativo* em vista de ações que levem ao exercício da cidadania. Atualmente, são sete as áreas de intervenção, a saber: educação para a comunicação, mediação tecnológica, gestão da comunicação, reflexão epistemológica, expressão comunicativa através das artes, pedagogia da comunicação e produção midiática.

Apesar de serem independentes, essas áreas proporcionam o exercício da cidadania dos atores envolvidos no processo comunicativo. É a área da *reflexão epistemológica* que garante que teoria e prática estejam fundamentadas nos procedimentos educacionais. Alimentando-se dos estudos de recepção, a área da *educação para a comunicação* contribui com a leitura crítica da mídia a fim de levar os cidadãos a serem receptores autônomos e críticos, conforme explicitado nos protocolos moral e cultural (SOARES, 2014).

Com a área de *mediação tecnológica* é possível superar a visão funcionalista e mecanicista que, geralmente, acompanha a implantação das tecnologias nas escolas em vista de uma

ação política democrática de inclusão midiática e de uma mediação que seja respaldada na ampliação das relações comunicativas. Esse processo ganha força com a área de *gestão da comunicação* que articula diálogo e metodologia participativa, perpassando pelo planejamento, implementação e avaliação das ações educomunicativas.

É na área de *expressão comunicativa através das artes* que a dimensão lúdica ganha vigor ao se voltar para o potencial criativo dos sujeitos com ações através da música, da dança, do teatro, da mímica, dentre outras. É a possibilidade de imbricar valores estéticos, de sensibilidade e de percepção da alteridade do outro por meio da diversidade cultural. O grande impulso dessa área nas escolas salesianas deve-se ao fato de dialogara intrinsecamente com sua proposta de protagonismo juvenil próprias de sua cultura.

Já a área da *pedagogia da comunicação* ou *práticas pedagógico-comunicacionais*, denominação proposta por Luci Ferraz em tese doutoral defendida em 2016, garante que o exercício das práticas educomunicativas no espaço da didática fortaleçam os ecossistemas educomunicativos por meio da mediação das TIC em vista de se atingir os objetivos educacionais, indo além de recursos ilustrativos.

Contudo, a área da *produção midiática* ainda é pouco conhecida no espaço escolar salesiano. Trata-se da proposição de veículos de comunicação para incentivar a democracia, a participação e o protagonismo da juventude por meio da elaboração de materiais midiáticos voltados para a informação e formação de suas audiências. São conhecidas iniciativas das emissoras TV Cultura que desenvolve práticas educomunicativas e do Canal Futura que incentivo a democracia, à participação e ao protagonismo da juventude.

Um das experiências paradigmáticas dessa área foi o projeto *Educom.JT*, fruto de uma parceria do Jornal da Tarde com o NCE-USP, entre 2006 e 2007, para desenvolver 80 aulas numa abordagem educomunicativa a partir de temas transversais do currículo. Ainda nas empresas jornalísticas, os projetos associados ao Programa Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais (ANJ) reúne cerca de 60 atividades de mídia e educação.

Pelo respaldo dessas perspectivas, foram buscados indícios educomunicativos nos livros didáticos da Rede Salesiana de Escolas para verificar se os projetos trabalhados em Língua Portuguesa eram assumidos de maneira interdisciplinar, superando as fases lúdica e didática, caminhando em direção à prática educomunicativa.

Gestão educomunicativa na sala de aula

Os livros didáticos da Rede Salesiana de Escolas (RSE) seguem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dos níveis de ensino básico e os ideais salesianos estabelecidos nos

princípios da razão, religião e *amorevolezza* (relações amigáveis). Os projetos anuais ou trimestrais são organizados de maneira processual, permitindo que os alunos ampliem seu conhecimento sobre o assunto num processo reflexivo que culmina com sua participação num produto final.

No livro do professor há incentivo para que os projetos interdisciplinares sejam trabalhados em diálogo com educadores de outras disciplinas. Em todos os níveis de ensino, os profissionais são instigados a incentivarem a interdisciplinaridade nas atividades dos projetos. No Ensino Médio, eles são articulados a partir dos princípios da reflexão, identidade e interação, aliados aos discursos midiático, consumista, religioso, político, anticolonialista, antirracista, antimachista e científico.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, os produtos comunicativos criados pelos alunos passam pelo cultivo da experiência, do teste de hipóteses, de observações, de descobertas, de leitura e escrita do aprendido. Por sua vez, a partir dos princípios organizar, criar, informar e argumentar, os alunos das séries finais se apropriam do conhecimento sobre a produção de uma peça teatral, de vídeo, de história em quadrinhos, de jornal, de revista, dentre outros.

Esses projetos “contribuem com os alunos para uma cidadania capaz de reconhecer os problemas de seu entorno sociocultural e intervir responsavelmente na melhoria deles” (PEREIRA, 2012, p. 235). Isso foi percebido nas produções do vídeo para revitalizar um espaço público do bairro e da revista que os levou a ir além dos temas de variedade para trazer uma contribuição social para a comunidade escolar e do entorno.

Apesar do constante incentivo dos autores para que haja interdisciplinaridade, foi possível constatar que os projetos ainda permanecem nas dimensões lúdica e didática, não chegando à educ comunicativa que levaria à criação de um *ecossistema comunicativo*. Isso acontece porque ainda não há a presença de um gestor de processos comunicativos no interior da escola, ficando essa responsabilidade relegada a um profissional que assume outras atividades didáticas. Mesmo assim, é notória a intencionalidade didática do educador na realização dos projetos que ampliam as relações comunicativas, mesmo que só dentro de sua sala de aula.

A partir da análise dos projetos se percebeu a presença das áreas educ comunicativas nos livros didáticos, a saber: a *educação para a comunicação* quando promove a discussão crítica da mídia; a *mediação tecnológica* quando realiza as oficinas para que os alunos se apropriem das técnicas midiáticas e os professores atuem como mediadores nesse processo de apropriação que leva à inventiva criatividade dos protagonistas; a *expressão comu-*

nicativa através das artes quando a criatividade dos alunos se manifesta na produção do vídeo, da peça teatral, da revista, dentre outros; e a *gestão da comunicação*, que apesar de pouca, demonstra a intenção de facilitação dos processos comunicativos.

Considerada a “liga” em todas as etapas do planejamento, a área de *gestão da comunicação*, da forma como é entendida pelo novo campo do conhecimento, pode facilitar a comunicação, entre os agentes, da concepção à execução de políticas de comunicação educativa que ampliam os *ecossistemas comunicativos*. Por esse motivo, a área é entendida como um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação, necessitando de um gestor para reafirmar o caráter democrático da comunicação por meio de relações de interdependência e metodologia participativa (SOARES, 1999).

Como o sistema educacional tem sua própria hegemonia em relação ao currículo, Soares (2009) propõe o conceito de *educomunicação possível* para a realização de ações educativas a partir dos espaços que a instituição ofereça. Nesse sentido, as equipes multidisciplinares e/ou gestores podem planejar ações que sustentem as formas de relacionamento na comunidade escolar como alguém que “costura”, por meio de uma gestão comunicativa, a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que nele acontecem.

Expressões como “liga” e “costura” demonstram que a presença do gestor é de suma importância para ajudar a comunidade educativa a vivenciar a ampliação do *ecossistema comunicativo* aberto, criativo e dialógico. Situação que é propícia no âmbito salesiano que carrega o princípio da *amorevolezza* para estabelecer relações amigáveis que vão da saudação do “bom dia” às conversas no pátio denominadas por “palavrinha ao ouvido”, sendo fortalecidas pela presença do educador que se coloca como amigo sempre presente.

Nas escolas salesianas podem ser encontradas duas “portas de acesso” para que a *educomunicação possível* seja vivenciada em seu interior, a saber: pelas atividades da “pastoral escolar” que leva a escola a viver uma ambiência festiva e pelos projetos dos livros didáticos que proporcionam um trabalho interdisciplinar. Essas situações podem levar à construção de *ecossistemas comunicativos* integrados dentro das salas de aula, na escola como um todo ou entre escolas de uma determinada região, pois existem inúmeras possibilidades para um trabalho educomunicativo através da pedagogia de projetos.

Dinamizadas pela pastoral escolar e aproveitando os momentos festivos, religiosos e cívicos, os alunos se envolvem em manifestações artísticas e comunicativas por meio do teatro, da dança, da rádio escolar, dentre outras. Assim, para serem educomunicativas, essas atividades precisam contemplar uma metodologia participativa que valorize as relações

interpessoais e potencialize o protagonismo juvenil, a gestão participativa e a ação por projetos (SILVA FILHO, 2004).

Assim, são inúmeros os indícios educacionais encontrados no material didático, nas atividades juvenis do contraturno escolar e em seu processo reflexivo que abrem espaço para o conceito *educomunicação possível*. Entretanto, esse percurso ainda precisa ser trilhado com mais intencionalidade nas escolas e na Rede Salesiana de Escolas, enquanto “empresa”, inclusive contemplando apoio financeiro.

Quando se fala de uma decisão vinda da Rede, não se desqualifica as decisões da base. Pelo contrário, se propõe seu fortalecimento, pois foi percebido que as decisões que surgem nos eventos formativos nem sempre são colocadas em prática por interferências internas no andamento dos processos, seja pelo rodízio na gestão ou pela desmotivação dos educadores que não encontram espaço para colocar em prática o que aprenderam.

Ambiência educacional já existe, graças ao princípio da *amorevolezza*, similar ao *ecosistema comunicativo*, que melhora as relações interpessoais dos envolvidos. Ela seria potencializada através dos livros didáticos por meio de diretrizes deliberadas pela Rede em vista de ampliar a gestão participativa, a pedagogia de projetos e o protagonismo juvenil. Não apenas no interior de uma escola, mas envolvendo escolas de uma região para incentivar a produção de cultura dos alunos através de expressões artísticas e midiáticas.

Seria, portanto, necessário ampliar ainda mais a fundamentação conceitual para que os educadores, a partir da proposição dos livros didáticos, desenvolvessem estratégias de metodologia participativa para ampliar o exercício da cidadania aos alunos. Ao mesmo tempo, seria preciso cultivar uma postura dialógica e mediadora dos recursos tecnológicos e midiáticos através das dimensões lúdica, didática e educacional.

Nesse sentido, a vivência da escola seria pautada em linhas de ação estabelecidas no diálogo interdisciplinar, no planejamento nos âmbitos administrativo, disciplinar e transdisciplinar através de metas programáticas e da formação do agente educacional, contando, inclusive com a assessoria de organismos especializados (SOARES, 2011). Essa formação precisaria ser estabelecida a partir de uma relação estreita com a proposição dos materiais didáticos e dos projetos interdisciplinares.

Portanto, se realizado a partir de uma *gestão da comunicação* com a participação de todos, os projetos de uma disciplina podem se articular a professores de outras áreas, aos alunos e à comunidade educacional. É nesse sentido que o fluxo comunicativo se propagaria para além das paredes da sala de aula, ecoando pelo pátio e muros da escola, criando uma atmosfera comunicativa em todo o seu entorno. Essa área pode ser potencializada pela

área *pedagogia da comunicação* que realiza um diálogo fecundo com o currículo escolar, o protagonismo dos alunos e mediação do professor (SOARES, 2011).

Considerações finais

Com esse relato pode-se perceber que a educação midiática facilitada pelos livros didáticos nas escolas salesianas do Brasil tem proporcionado o exercício da cidadania pelo incentivo de atividades didáticas que levam os alunos a serem produtores de cultura. Contudo, apesar dos professores serem incentivados pelas orientações do material didático a realizarem atividades interdisciplinares com recursos midiáticos, percebe-se que eles ainda remam sozinhos na proposição dos projetos em sua disciplina e sala de aula, podendo ter essa possibilidade facilitada por meio de uma gestão da comunicação intencional.

Isso porque as dimensões lúdica e didática são exercidas pelos educadores com esmero, culminando em atividades e projetos de relevância social. Com a perspectiva da gestão da comunicação, o paradigma da educomunicação amplia as relações comunicativas de todos os envolvidos no espaço educativo numa perspectiva cidadã que garante que os alunos exerçam desde cedo sua cidadania frente aos desafios de seu contexto sociocultural. Assim, se as escolas abrirem espaço para o gestor da comunicação, o educador, certamente, esse profissional dará grandes amplitudes aos projetos já presentes no interior dessas escolas. Enquanto organização nacional, a Rede pode incentivar que as escolas tenham esse profissional para implementar ações educomunicativas em seu interior.

Referências

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino**. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

PEREIRA, Antonia Alves. **A Educomunicação e a Cultura Escolar Salesiana: A trajetória da construção de um referencial educomunicativo para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro**. São Paulo, 2012. 292 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

PORTAL DO PROFESSOR. **Ismar de Oliveira Soares (USP): uso educomunicativo do rádio pode trazer alegria e autoconfiança**. Edição 68 – Rádio na Escola. 2012. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=79&idCategoria=8>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino. **Educomunicação e sua metodologia - um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil**. 2004, 268 f. Tese (Doutorado Comunicação Social) – Escola de Comunicação e Artes, Núcleo de Comunicação e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, sep. 2014. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>>. Acesso em: 24 may 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26>.

_____. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação, contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Teorias da Comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação**. Documento de suporte à Prova de Erudição do Concurso para Professor Titular da USP, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte, Brasília, ano I, n.2 (jan./mar.), p. 19-74, 1999.

A AUTORA

ANTONIA ALVES PEREIRA - Jornalista (UFMT), Especialista em Educação a Distância - EAD (Senac-RJ) e Mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP). É sócia fundadora da ABPEducom e pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP). É professora pesquisadora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), atuando no Curso de Jornalismo desde 2014. Atua na inter-relação Comunicação/Educação desde 1998 quando participava da Inspeção Nossa Senhora da Paz (InsPAZ, Cuiabá-MT, até 2003) em articulação com a rede americana (Ecosam) e mundial das Salesianas. Gerenciou projetos educacionais, jornalísticos e de EAD no Portal Educacional Aprendaki entre 2003 e 2010 (São José dos Campos-SP). Como jornalista, atuou com assessoria de comunicação, editora/redatora de jornais e revistas institucionais e de sites noticiosos e institucionais, além de coordenar eventos e cursos. Enquanto educadora na educação básica, desenvolveu atividades como docente, coordenadora e vice-diretora de escolas em Mato Grosso, articulando projetos pedagógicos e interdisciplinares, dando ênfase à proposta de Educomunicação. Ainda, atuou como tutora e orientadora de monografias no curso de especialização Mídias na Educação (MEC-UFPE-NCE/USP).